Peleja do trabalhador com o patrão

Paulo Roberto Ferreira

Concluído cinco anos após seu início em outubro de 1978, *Santo e Jesus, Metalúrgicos* enfatiza algumas questões focalizadas nos documentários precedentes sobre o ressurgimento do movimento operário. Acrescenta outras palavras à discussão proposta por *Braços Cruzados, Máquinas Paradas* e *Greve*! e estabelece um diálogo com *Eles Não Usam Black-Tie* em torno do líder operário Santo Dias da Silva.

Se o longo período de realização provocou um certo distanciamento do ciclo de filmes sobre as greves deflagradas entre 78 e 80 na Grande São Paulo, por outro lado possibilitou melhor elaboração, resultando num documentário bem estruturado que utiliza a linguagem do teatro popular para apresentar com clareza os antecedentes do movimento grevista, o papel desempenhado pela diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e a organização e luta dos trabalhadores.

Cláudio Kahns e Antônio Paulo Ferraz investigam as condições de trabalho na Metalúrgica Alfa (localizada no bairro do Brás, em São Paulo) a partir da morte do operário Nelson Pereira de Jesus, assassinado pelo advogado Cássio Scatena em outubro de 1978 ao reclamar contra a incorreção de seu pagamento. Entre os metalúrgicos que falam sobre a morte do colega está Santo Dias da Silva, que um ano depois também seria assassinado num confronto de grevistas com a polícia.

A primeira declaração de Santo introduz a câmara dentro da fábrica: "Como a gente atua na área sindical, inclusive na área de oposição sindical, procuramos entrar na empresa e descobrir quais são os problemas mais sérios que existem". Os letreiros do filme surgem sobre imagens da fachada de uma fábrica. Logo depois dos nomes dos responsáveis pela fotografia (Adrian Cooper, Cláudio Kahns e Zetas Malzoni), a câmara se detém diante de uma placa onde se lê: "Departamento Industrial — Entrada de funcionários pela embalagem". Indicação preliminar do tratamento dispensado aos operários.

O interior da fábrica é mostrado como um ambiente soturno, onde os trabalhadores se movem lentamente encobertos pela fumaça. Sugestão do clima de opressão revelado por um metalúrgico que há 17 anos trabalha na Alfa: "Ninguém pode reclamar nada, ninguém tem direito a nada, pagamento atrasado, patrão agredindo operário"... Situação que somada ao arrocho salarial motivou a greve efetuada dentro da fábrica em junho de 1978. Outro operário recorda a reação do patrão, que além de chamar a polícia ameaçou os grevistas com o revólver na mão: "Nós paralisamos o trabalho. Estávamos guardando as ferramentas quando ele chegou gritando: sai ou eu atiro, eu mato". Quatro meses depois o patrão Cássio Scatena matou o operário Nelson.

As circunstâncias em que foi realizado o enterro de Nelson evidenciam a atuação da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Os trabalhadores da Alfa haviam decidido paralisar o trabalho para acompanharem o enterro que em sinal de protesto deveria passar na porta da fábrica. Santo Dias relata as manobras realizadas para impedir o objetivo dos operários: "A condição para que pudéssemos fazer o enterro era a de não passar na porta da fábrica para fazer o protesto. Logo às 9 horas da manhã os batedores do DSV chegaram na porta do Sindicato com a responsabilidade de fazer o trajeto do sepultamento do companheiro Nelson. Essa presença do DSV já foi um jogo da diretoria do Sindicato com a própria diretoria da empresa e também com os órgãos de segurança".

O operário não pode entrar na fábrica pela porta principal; o cineasta não pode entrar na fábrica para filmar a greve; o enterro do trabalhador assassinado pelo patrão não pode passar em frente à fábrica: proibições impostas pelo patrão e garantidas pela repressão para dissimular o conflito entre capital e trabalho.

A diretoria do Sindicato citada por Santo é a mesma que aparece em *Braços Cruzados, Máquinas Paradas* tomando posse graças à intervenção da Delegacia Regional do Trabalho. *Santo e Jesus, Metalúrgicos* mostra o comportamento dessa diretoria após a eleição documentada em *Braços Cruzados*. Na posse de Joaquim dos Santos Andrade o diálogo entre estes dois filmes ocorre de maneira explícita. Em *Braços Cruzados* o ministro Arnaldo Prieto conclui o seu discurso dizendo: "O que passou, passou, importa agora é olhar para a frente". A resposta é dada por Santo Dias em *Santo e Jesus, Metalúrgicos*: "O que passou, passou, mas para nós trabalhadores o que passou ainda está presente todo dia na nossa luta. Não esquecemos ainda 64, quando o ministro do Trabalho interveio em nosso sindicato dando posse à diretoria atual."

Em *Greve*!, João Batista de Andrade entrevista o dono

de uma pensão de São Bernardo mas não consegue entrar para documentar a vida dos trabalhadores. Cláudio Kahns e Antônio Ferraz penetram na pensão onde mora um jovem metalúrgico que testemunhou o assassinato de Nelson e mostram que ele dorme em beliche e se alimenta mal. É domingo, alguns trabalhadores assistem à televisão da pensão — o programa de Sílvio Santos, um filme de faroeste —, outros estão parados na porta. Não possuem carros e talvez não disponham de dinheiro para passear. Essa é a vida dos operários fora da fábrica — um assunto iniciado em *Greve*! e complementado por *Santo e Jesus, Metalúrgicos*.

A ironia do filme é exercida com singular criatividade quando a comissão de fábrica dos trabalhadores da Alfa se reúne com os pelegos e reclama contra a demissão dos operários indicados para a comissão. "O que nós podemos fazer?", pergunta um dirigente. A seqüência seguinte mostra um desfile de misses organizado pelo Sindicato. Num corte sutil que preserva o movimento de câmara iniciado no plano anterior, passa-se para uma assembléia realizada fora do sindicato onde os metalúrgicos discutem a greve geral que seria deflagrada nos últimos dias de outubro de 1979.

Nessa greve, Santo Dias foi assassinado pelo PM Herculano Leonel quando integrava um piquete na porta da fábrica Sylvania.

O patrão mata o empregado; o policial mata o líder operário. *Santo e Jesus, Metalúrgicos* procura estabelecer

O enterro de Santo foi documentado por Cláudio Kahns e Antônio P. Ferraz em Santo e Jesus, Metalúrgicos...

"A morte dele significou a perda do futuro presidente do sindicato"

a relação entre os dois crimes. "Existe mesmo é um trato / Entre polícia e patrão / Nós sabemos muito bem / De onde vem a decisão / Se um dedo aperta o gatilho / Alguém deu ordens pra mão" — diz Laerte Coutinho no cordel *A Vida Eterna de Santo*. Uma relação recriada ficcionalmente por Leon Hirszman em *Eles Não Usam Black-Tie*: na cena do assassinato de Bráulio — personagem inspirado em Santo —, um homem de terno (misto de delegado e patrão) ordena ao policial que está ao seu lado com o revólver na mão: "No crioulo, atira no crioulo".

Em *Santo e Jesus, Metalúrgicos* um plano do sindicato vazio sublinha as palavras de um companheiro de Santo: "Para uma grande parte da categoria a morte dele significa a perda do futuro presidente do Sindicato". Mais tarde o caixão atravessa as ruas de São Paulo em direção à Catedral da Sé. Uma cena pungente reproduzida em *Eles Não Usam Black-Tie*.

Símbolo da luta operária, a memória de Santo é evocada em muitos momentos do documentário de Cláudio Kahns e Antônio Ferraz. No epílogo, o coro que narra a morte de Santo lembra "A luta do companheiro Santo / Para que a memória dele / Permaneça presente / Na História do Brasil / E na história da classe trabalhadora". Em *Eles Não Usam Black-Tie*, no velório de Bráulio (Milton Gonçalves), o operário Otávio (Gianfrancesco Guarnieri) diz para seu filho Chiquinho (Flávio Guarnieri): "Um dia teu filho vai estudar o Bráulio na História do Brasil."

... e recriado por Leon Hirszman em Eles Não Usam Black-Tie, *onde Santo inspirou o personagem de Bráulio.*